

Rubén Darío

OS MOTIVOS DO LOBO LOS MOTIVOS DEL LOBO

Edição bilingue



**Edições Rocio
2020**

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>



Rubén Darío

OS MOTIVOS DO LOBO

I

O varão que tem coração de lis,
alma de querubim, língua celestial,
o mínimo e doce Francisco de Assis,
está com um rude e torvo animal,
besta temerosa, de sangue e de roubo,
as fauces de fúria, os olhos de mal:
o lobo de Gúbia, o terrível lobo!
Com raiva assolou os arredores;
cruento desfez todos os rebanhos;
devorou cordeiros, devorou pastores,
e são incontáveis suas mortes e danos.

Fortes caçadores armados de ferros
foram destroçados. Os caninos duros

deram conta dos mais bravos cães,
como de cabritos e cordeiros puros.

Francisco saiu:
o lobo procurou
na toca austera.
Perto do covil encontrou a fera
enorme, que ao vê-lo se lançou feroz
a ele. Francisco, com sua doce voz,
erguendo a mão,
ao lobo furioso disse: — «Paz, irmão
lobo!» O animal
contemplou o varão de tosco saial;
deixou seu ar arisco,
fechou as abertas presas agressivas,
e disse: — «Está bem, irmão Francisco!»
«Como! — exclamou o santo. — É lei que tu vivas
de horror e de morte?
O sangue que verte
tua diabólica fuça, o luto e espanto
que espalhas, o pranto
dos camponeses, o grito, a dor
de tanta criatura de Nosso Senhor?
Não irão conter teu ódio infernal?
Vens do inferno?
Infundiu-te acaso seu rancor eterno
Luzbel ou Belial?»
E o grande lobo, humilde: — «É duro o Inverno,
e é horrível a fome! No bosque gelado
não achei que comer; e procurei o gado,
e por vezes comi gado e pastor.
O sangue? Eu vi mais de um caçador
sobre seu cavalo, levando o açor
no punho; ou correr atrás do javali,
do urso ou do cervo; e mais de um vi

manchar-se de sangue, ferir, torturar,
das roucas trompas ao surdo clamor,
os animais de Nosso Senhor.
E não era por fome que iam caçar!»
Francisco responde: — «No homem existe
má levedura.
Quando nasce vem com pecado. É triste.
Mas a alma simples da besta é pura.
Tu irás ter
a partir de hoje que comer.
Deixarás em paz
rebanhos e gente deste país.
Que Deus melifique teu ser montaraz!»
— «Está bem, irmão Francisco de Assis.»
— «Ante o Senhor, que tudo ata e desata,
em fé de promessa estende-me a pata.»
O lobo estendeu a pata ao irmão
de Assis, que por sua vez lhe avançou a mão.
Foram à aldeia. As pessoas olhavam
e o que viam quase não acreditavam.
Atrás do religioso ia o lobo feroz,
e, de cabeça baixa, tranquilo o seguia
como um cão de casa, ou como um cordeiro.

Francisco chamou as pessoas à praça
e ali pregou.
E disse: — «Eis aqui uma amável caça.
O irmão lobo vem comigo;
jurou-me não ser já nosso inimigo,
e não repetir seu ataque sangrento.
Vós, em troca, dareis seu alimento
à pobre besta de Deus.» — «Assim seja!»
Respondeu a gente toda da aldeia.
E em seguida, em sinal
de contentamento,

abanou a cabeça e o rabo o bom animal,
e entrou com Francisco de Assis no convento.

II

Algum tempo esteve o lobo tranquilo
nesse santo asilo.
Suas bastas orelhas os salmos ouviam
e os claros olhos se lhe humedeciam
Aprendeu mil graças e até mil jogos
quando à cozinha ia com os leigos.
E quando Francisco sua oração fazia,
o lobo as pobres sandálias lambia.
Saía à rua,
ia pelo monte, descia ao vale,
entrava nas casas e davam-lhe algo
para comer. Viam-no como um manso galgo.
Um dia, Francisco ausentou-se. E o lobo
doce, o lobo manso e bom, o lobo probo,
desapareceu, voltou à montanha,
e recomeçaram seu uivo e sua sanha.
Outra vez se sentiu o temor, o alarme,
entre os vizinhos e entre os pastores;
enchia de medo os arredores,
de nada serviam o valor e a arma,
pois a besta fera
não deu tréguas ao seu furor jamais
como se tivera
fogos de Moloch ou de Satanás.

Quando voltou ao povoado o divino santo,
todos o procuraram com queixas e pranto,
e com mil querelas deram testemunho
do que sofriam e perdiam tanto

com aquele infâme lobo do demónio.

Francisco de Assis ficou severo.

Foi à montanha

procurar o falso lobo carniceiro.

E ao pé da toca encontrou a alimária.

— «Em nome do Pai do sacro universo,
te conjuro — disse —, ó lobo perverso!,
a que me respondas: Por que voltaste ao mal?
Responde. Eu te escuto.»

Como em surda luta, falou o animal,
a boca espumosa e o olho fatal:

— «Irmão Francisco, não te aproximes muito...
Eu estava tranquilo lá no convento;
ao povoado saía,
e se algo me davam ficava contente
e manso comia.

Mas comecei a ver que em todas as casas
estavam a Inveja, a Sanha, a Ira,
e em todos os rostos ardiam as brasas
de ódio, de luxúria, de infâmia e mentira.

Irmãos a irmãos faziam a guerra,
perdiam os fracos, ganhavam os maus,
fêmea e macho eram como cão e cadela,
e um belo dia todos me deram com paus.

Viram-me humilde, lambia as mãos
e os pés. Seguia as tuas sagradas leis,
todas as criaturas eram meus irmãos:
os irmãos homens, os irmãos bois,
irmãs estrelas e irmãos vermes.

E assim, bateram-me e puseram-me fora.

E as suas risadas foram como água fervente,
e nas minhas entranhas reviveu a fera,
e senti-me lobo mau de repente;
mas sempre melhor que essa má gente.

E recomecei a lutar aqui,
a me defender e a me alimentar.
Como o urso faz, como o javali,
que para viver tem que matar.
Deixa-me no monte, deixa-me no risco,
deixa-me viver na minha liberdade,
volta ao teu convento, irmão Francisco,
segue teu caminho e tua santidade.»

O santo de Assis não lhe disse nada.
Olhou-o com uma profunda olhada,
e partiu com lágrimas e desconsolo,
e falou ao Deus eterno com seu coração.
O vento do bosque levou sua oração,
que era: *Pai nosso, que estás nos céus...*



... Padre nuestro, que estás en los cielos...



Rubén Darío

LOS MOTIVOS DEL LOBO

I

El varón que tiene corazón de lis,
alma de querube, lengua celestial,
el mínimo y dulce Francisco de Asís,
está con un rudo y torvo animal,
bestia temerosa, de sangre y de robo,
las fauces de furia, los ojos de mal:
el lobo de Gubbia, el terrible lobo.
Rabioso ha asolado los alrededores;
cruel ha deshecho todos los rebaños;
devoró corderos, devoró pastores,
y son incontables sus muertos y daños.

Fuertes cazadores armados de hierros

fueron destrozados. Los duros colmillos
dieron cuenta de los más bravos perros,
como de cabritos y de corderillos.

Francisco salió:

al lobo buscó
en su madriguera.

Cerca de la cueva encontró a la fiera
enorme, que al verle se lanzó feroz
contra él. Francisco, con su dulce voz,
alzando la mano,

al lobo furioso dijo: — «¡Paz, hermano
lobo!» El animal

contempló al varón de tosco sayal;
dejó su aire arisco,

cerró las abiertas fauces agresivas,
y dijo: — «¡Está bien, hermano Francisco!»

«¡Cómo! —exclamó el santo.— ¿Es ley que tú vivas
de horror y de muerte?

¿La sangre que vierte
tu hocico diabólico, el duelo y espanto
que esparces, el llanto

de los campesinos, el grito, el dolor
de tanta criatura de Nuestro Señor?

¿No han de contener tu encono infernal?

¿Vienes del infierno?

¿Te ha infundido acaso su rencor eterno
Luzbel o Belial?»

Y el gran lobo, humilde: — «¡Es duro el invierno,
y es horrible el hambre! En el bosque helado
no hallé qué comer; y busqué el ganado,
y en veces comí ganado y pastor.

¿La sangre? Yo ví más de un cazador
sobre su caballo, llevando el azor
al puño; o correr tras el jabalí,
el oso o el ciervo; y a más de uno ví

mancharse de sangre, herir, torturar,
de las roncadas trompas al sordo clamor,
a los animales de Nuestro Señor.
¡Y no era por hambre, que iban a cazar!»
Francisco responde: — «En el hombre existe
mala levadura.
Cuando nace viene con pecado. Es triste.
Mas el alma simple de la bestia es pura.
Tú vas a tener
desde hoy qué comer.
Dejarás en paz
rebaños y gente en este país.
¡Que Dios melifique tu ser montaraz!»
— «Está bien, hermano Francisco de Asís.»
— «Ante el Señor, que todo ata y desata,
en fe de promesa tiéndeme la pata.»
El lobo tendió la pata al hermano
de Asís, que a su vez le alargó la mano.
Fueron a la aldea. La gente veía
y lo que miraba casi no creía.
Tras el religioso iba el lobo fiero,
y, baja la testa, quieto le seguía
como un can de casa, o como un cordero.

Francisco llamó la gente a la plaza
y allí predicó.
Y dijo: — «He aquí una amable caza.
El hermano lobo se viene conmigo;
me juró no ser ya nuestro enemigo,
y no repetir su ataque sangriento.
Vosotros, en cambio, daréis su alimento
a la pobre bestia de Dios.» — «¡Así sea!»
Contestó la gente toda de la aldea.
Y luego, en señal
de contentamiento,

movió testa y cola el buen animal,
y entró con Francisco de Asís al convento.

II

Algún tiempo estuvo el lobo tranquilo
en el santo asilo.
Sus bastas orejas los salmos oían
y los claros ojos se le humedecían.
Aprendió mil gracias y hacía mil juegos
cuando a la cocina iba con los legos.
Y cuando Francisco su oración hacía,
el lobo las pobres sandalias lamía.
Salía a la calle,
iba por el monte, descendía al valle,
entraba a las casas y le daban algo
de comer. Mirábanle como a un manso galgo.
Un día, Francisco se ausentó. Y el lobo
dulce, el lobo manso y bueno, el lobo probo,
desapareció, tornó a la montaña,
y recomenzaron su aullido y su saña.
Otra vez sintióse el temor, la alarma,
entre los vecinos y entre los pastores;
colmaba el espanto los alrededores,
de nada servían el valor y el arma,
pues la bestia fiera
no dio treguas a su furor jamás,
como si tuviera
fuegos de Moloch y de Satanás.

Cuando volvió al pueblo el divino santo,
todos lo buscaron con quejas y llanto,
y con mil querellas dieron testimonio
de lo que sufrían y perdían tanto

por aquel infame lobo del demonio.

Francisco de Asís se puso severo.

Se fue a la montaña

a buscar al falso lobo carnicero.

Y junto a su cueva halló a la alimaña.

— «En nombre del Padre del sacro universo,
conjúrote, dijo, ¡oh, lobo perverso!,
a que me respondas: ¿Por qué has vuelto al mal?
Contesta. Te escucho.»

Como en sorda lucha, habló el animal,
la boca espumosa y el ojo fatal:

— «Hermano Francisco, no te acerques mucho...
Yo estaba tranquilo allá, en el convento,
al pueblo salía,
y si algo me daban estaba contento
y manso comía.

Mas empecé a ver que en todas las casas
estaban la Envidia, la Saña, la Ira,

y en todos los rostros ardían las brasas
de odio, de lujuria, de infamia y mentira.

Hermanos a hermanos hacían la guerra,
perdían los débiles, ganaban los malos,
hembra y macho eran como perro y perra,
y un buen día todos me dieron de palos.

Me vieron humilde, lamía las manos
y los pies. Seguía tus sagradas leyes,
todas las criaturas eran mis hermanos:
los hermanos hombres, los hermanos bueyes,
hermanas estrellas y hermanos gusanos.

Y así, me apalearon y me echaron fuera.

Y su risa fue como un agua hirviente,

y entre mis entrañas revivió la fiera,

y me sentí lobo malo de repente;

mas siempre mejor que esa mala gente.

Y recomencé a luchar aquí,
a me defender y a me alimentar.
Como el oso hace, como el jabalí,
que para vivir tiene que matar.
Déjame en el monte, déjame en el risco,
déjame existir en mi libertad,
vete a tu convento, hermano Francisco,
sigue tu camino y tu santidad.»

El santo de Asís no le dijo nada.
Le miró con una profunda mirada,
y partió con lágrimas y con desconsuelos,
y habló al Dios eterno con su corazón.
El viento del bosque llevó su oración,
que era: *Padre nuestro, que estás en los cielos...*



San Francesco e il lupo di Gubbio (I parte)

<https://www.youtube.com/watch?v=5O83wpf9IFE>

San Francesco e il lupo di Gubbio (II parte)

<https://www.youtube.com/watch?v=QN8UL4RW70E>

Angelo Branduardi - Il Lupo di Gubbio

<https://www.youtube.com/watch?v=uFdtrAtKgvo&>

Branduardi - Live Roma - Giornata della Gioventù 17/08/2000

<https://www.youtube.com/watch?v=xKRKnXH0&list=PL7D6ABEF0EEE2621D>



SAN FRANCESCO D'ASSISI E IL LUPO DI GUBBIO ALL'INGRESSO DEL CONVENTO FRANCESCANO A PUNA

<https://mapio.net/pic/p-69266536/>

DECLAMAÇÃO

Por Berta Singerman:

<https://www.youtube.com/watch?v=BxSzBnTYLLo&>

Por Mari Cruz Nevot de Pano:

https://www.youtube.com/watch?v=u9qV3_XnDFM

Por Jeser Ordóñez:

<https://www.youtube.com/watch?v=O3QaECwIJ5E>

Por Ildefonso Escobar:

<https://www.youtube.com/watch?v=FMUoWBoUsHM>

Por Manuel Bernal:

<https://www.youtube.com/watch?v=ImxLwC789Hs>



Félix Rubén García Sarmiento, conhecido como **Rubén Darío** (1867-1916), poeta nicaraguense, iniciador e máximo representante do Modernismo literário em língua espanhola. É possivelmente o poeta que tem tido uma maior e mais duradoura influência na poesia do século XX no âmbito hispânico. É chamado de «*príncipe de las letras castellanas*».

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rub%C3%A9n_Dar%C3%ADo

https://es.wikisource.org/wiki/Categor%C3%ADa:Poes%C3%ADas_de_Rub%C3%A9n_Dar%C3%ADo

Nos últimos anos da sua vida, Rubén Darío assumiu o cargo de director literário da revista *Mundial Magazine*, publicada em Paris de 1911 a 1914. Nela participou com um grande número de trabalhos, entre os quais cinco poesias, sendo a última "Os Motivos do Lobo", que em seguida incluiria em *Canto à Argentina e outros poemas* (1914).

<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mundial-magazine/>

<https://core.ac.uk/download/pdf/38825392.pdf>

<http://rubendariodigital.magazinmodernista.com/descargas/RubenDario09.pdf>

Lobo de Gubbio

**Floreccillas de San Francisco, Capítulo XXI:
Cómo San Francisco amansó, por virtud divina,
un lobo ferocísimo**

<http://www.franciscanos.org/sfa/gubbio.html>

https://es.wikipedia.org/wiki/Lobo_de_Gubbio

En la literatura, el relato [sobre San Francisco y el Lobo de Gubbio] inspiró la poesía de Rubén Darío titulada "Los motivos del lobo". Este poema pertenece a la etapa de madurez literaria de Rubén Darío y fue publicado en *Mundial Magazine* en 1913, tres años antes de la muerte del autor. Por su carácter dramático y su estructura en siete partes, este poema es considerado una de las composiciones que demandan del intérprete un elevado nivel técnico y capacidad histriónica.

En la poesía, Rubén Darío se refiere al animal como el lobo de Gubbio. Se desconoce la razón precisa de la diferencia en el nombre de

la localidad. Asimismo, la narración poética se aparta del contenido original de las *Floreccillas de San Francisco* puesto que, en la poesía, el lobo retorna más tarde a su estado salvaje inicial como respuesta a las actitudes de los hombres.

«La única variante notable entre el capítulo de las Florecillas y la versión dariana, reside en el desenlace. Según aquéllas, el hermano lobo murió de viejo, de lo cual se dolían mucho los ciudadanos, porque viéndolo andar tan manso por la ciudad se acordaban más de la virtud y santidad de San Francisco. En cambio, el genio de Rubén [Darío] se rebela contra lo objetivo de la piadosa y poética narración, para imprimir carácter absolutamente lírico a los acordes finales de su poema, haciendo que el lobo regrese a la montaña a causa de la maldad de los hombres. »

Eduardo Zepeda-Henríquez

Mundial Magazine, Paris (1911-1913)

<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mundial-magazine/>

Mundial Magazine, n° 32, Paris, Dezembro de 1913

http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2017/11/MundialMagazine_n32.pdf

Obras Completas de Rubén Darío, Tomo XI, p. 151

<http://rubendariodigital.magazinmodernista.com/descargas/RubenDario11.pdf>

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>